

O HERALDO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

DIRETORES E PROPRIETARIOS: — LYSTER FRANCO E JOÃO PEDRO DE SOUSA

Administrador, — J. P. Sousa — Editor, — L. Franco

Publica-se ás quartas e sábados

Redacção, administração, composição e impressão

Tipografia Democratica, Rua 1.ª de Dezembro — FARO

ASSINATURAS: — Trimestre 500 réis — COMUNICADOS E ANÚNCIOS — Cada linha 20 réis. Para a 1.ª e 2.ª pagina contrato especial. Publicam-se todas as informações de interesse geral.

Mais outra arbitrariedade

Repetidas vezes temos criticado nas colunas deste jornal a desorientação politica do chefe do distrito, de ha muito reconhecido por todos os sinceros e leaes republicanos do Algarve como incompetentissimo para o logar que exerce.

Como sempre nos baseamos em fatos incontrovertidos, positivos e irrefutaveis, o nosso ataque ao governador civil, semelhante á *agua mole* do adagio popular, vae pouco a pouco derrubando o grande pedestal de propias em que assenta esse grandioso colosso de autoritarismo que é o sr. major Paulino de Andrade!

Graças aos artigos do *Heraldo*, actualmente todo o Algarve conhece e admira as qualidades negativas que exornam o vulto politico do sr. Paulino.

Este varão insigne podia limitar-se a ser incompetente, vaidoso e exibicionista, mas não!

O sr. Paulino de Andrade prefere assinalar tambem a sua passagem pelo mandarinato que exerce, celebrando-o nos fatos da *tratanteologia* politica com processos reptilíneos de perseguições e injustiças, perfeitamente anacronicos e incompatíveis com o regimen eleito pelo Povo em Cinco de Outubro!

Provas? Nunca nos faltam, devido ao incorreto procedimento do chefe do distrito.

No penultimo numero do *Heraldo*, pela pena do nosso presado correligionario José Antonio Machado, o escrivão das execuções fiscaes jesuiticamente suspenso do exercicio das suas funções pela intervenção odienta do sr. Paulino de Andrade, apontam-se fatos gravissimos, que por completo fariam naufragar o prestigio da autoridade superior do distrito, se um tal prestigio não tivesse de ha muito chafurdado no tremendo lodacel da mais comprovada incompetencia, do mais facioso e impolitico partidatismo!

Ao lermos o breve relato da criminosa arbitrariedade cometida pelo sr. Paulino e pelos seus aulicos servís e rastejantes, trememos de indignação e ficámos pensando que a proclamação da Republica em Portugal foi um beneficio cujos efeitos ainda se não fazem sentir nesta provincia.

O quê?!

Pois é um governador civil da Republica que recorre a taes processos, perseguindo em vez de fazer justiça, suspendendo os funcionarios que zelam os interesses da Fazenda nacional, em vez de os incitar ao cumprimento desses mesmos deveres indicaveis?

O quê?!

Pois é um governador civil da Republica que se arvora descarada e impudicamente em protector dos *caloteiros* do Estado, de desordeiros incorreíveis que planeiam crimes e que se exibem em plena praça publica em atitudes as mais provocantes e ameaçadoras e prontos a fazerem uso das mais perigosas armas proibidas?

Não contente em dispensar a mais criminosa protecção a gente de tal jaez, não satisfeito com as *licenças para inglez ver*, que faz passar por subordinados complacentes para salvaguarda desses mesmos emeritos desordeiros, o sr. Paulino de Andrade, cedendo ás imposições desses mesmos avariados politicos, leva a sua audacia, o seu impudor e o seu descaramento ao ponto de chamar a si os chefes de repartição, ou os imbecis que os substituem, e *impõe-lhes monarquicamente* a suspensão dos seus subordinados quando estes se não prestam a servir-lhe de capacho e o fustigam, a ele e á sua ridícula camarilha negra, com o tagante do seu desprezo.

O caso passado com o escrivão Machado é tipico e revoltante.

Na sua simplicidade repelente caraterisa bem a orientação pseudo-republicana do chefe do distrito que, impudicamente, para *desagrar* o «Faz Tudo» do jornal regionalista de Tavira, não duvida ordenar a suspensão de um funcionario publico que tem por obrigação *intimar os devedores á Fazenda Nacional para que saldem os seus debitos*, só porque este teve a audacia, no cumprimento do seu dever profissional, de intimar tambem o autor das homilias laudatorias que se estampam na *Provincia do Algarve*, para honra e gloria do sr. Paulino de Andrade!

Como tudo isto indignaria se não fosse uma das muitas cenas da comedia burlesca que o sr. major Paulino se lembrou de representar entre nós com o seu governo feito de atropelos e injustiças!

ECOS E CONSIDERAÇÕES

Dr. Candido de Sousa

Sabemos que o nosso bom amigo e illustre medico dr. Candido de Sousa, que todo o Algarve conhece, tem tido no seu cativeiro a prova condigna de quanto é estimado por toda a gente. Todos lhe rendem a homenagem do seu afeto e admiração.

Caminhos de ferro

Fala-se no caminho de ferro de Loulé e ha razão para isso. A vila de Loulé, a mais populosa e comercial do Algarve, bem o merece. Para o demonstrar, bastaria que o sr. dr. Frutuoso da Silva, digno delegado do procrador da Republica em Tavira, e illustre filho de tão formosa vila, se resolvesse a dizer de sua justiça, pois sabemos que tem valiosos elementos comprovativos de quanto é grande o direito que assiste aos louletanos.

E porque se não hade completar o

trabalho, atendendo tambem ás justas pretensões dos habitantes de S. Braz de Alportel?

Não recusaremos o nosso apoio a uns e outros, porque realmente Loulé e S. Braz são dois centros de grande regeneração das forças vitais d'esta despresada provincia.

Pena de Talião

Olho por olho, dente por dente. Que se lembrem d'esta pena os que hoje possuem o mando. Deixem-se de grandes entusiasmos, porque, felizmente, neste mundo tudo tem limites. E vão deitando contas a vida, que, se Talião vier á balha, já não é pouco o que tem que sofrer.

Adeante.

Os pés pelas mãos

Em Santa Barbara de Nexe havia um regedor substituto que ainda não foi demittido. A' ultima hora, o chefe do distrito, por alvará do dia 10 do corrente, nomeou outro regedor substituto.

Pergunta-se: Quando o regedor efectivo não estiver no exercicio das suas funções, qual dos regedores substitutos deverá exercer o ogar?

Ele sempre ha cada governador civil!

Os Deuses caídos de cangalhas

Em muitas ruas da capital austriaca, por ocasião das ultimas festas religiosas, viam-se leitreiros com os seguintes dizeres:

O Santissimo Sacramento e o Imperador passam aqui ás 10 horas!

Tu cá, tu lá... O Santissimo Sacramento em fraternal convívio com o Imperador! Valha-nos S. Quizumba! A quanto fazem descer os deuses, para conquistar as simpatias dos reis!!!

Já é ser teimoso

Continua a ser muito curiosa a mania do sr. commissario de policia, a respeito do forno que o sr. Antonio Silvestre mandou construir em frente ao predio nobre do sr. Mateus da Silveira.

O sr. Antonio Silvestre, quando pensou em construir o forno, pediu á Camara a licença que exigiam, e até pagou a respectiva importancia. Na persuasão de que a licença lhe seria concedida, como aliás o tem sido a toda a gente, em igualdade de circunstancias ou mesmo em circunstancias peores, e como já tivesse pago a licença, fez o que julgou do seu direito.

Começada a construção do forno, logo o sr. Mateus da Silveira requereu uma acção judicial de *prevenção contra dano*, e esta acção correu os devidos termos até á sentença final, que foi proferida a favor do reu, o sr. Antonio Silvestre, e que transitou em julgado.

O sr. Antonio Silvestre, como se vê, tem a seu favor uma sentença judicial. Pois o sr. commissario de policia, a requerimento do sr. Mateus da Silveira, tem feito ao sr. Antonio Silvestre as mais extravagantes imposições: não quer, á viva força, que o proprietario do forno lhe dê lenha e o faça arder; já o intimou n'este sentido e, porque o intimado continue a acender o forno, visto não reconhecer em taes ordens uma força que revogue a sentença judicial, o commissario, que julga o seu poder administrativo superior ao poder judicial, favorece as irratorias pretensões do monarquista sr. Mateus da Silveira, e dizem-nos que até já processou criminalmente o sr. Antonio Silvestre!

Mas o sr. commissario de policia não verá que anda a remar contra a maré!?

Remorsos

Não sabiamos que o sr. Antonio Maria da Silva, administrador geral dos correios e telegrafos, já tinha sido administrador do concelho de Redondo.

Por isso ele agora se tornou independente! E' que as maselas não o deixam

ir muito de cabeça levantada para qualquer dos partidos politicos!

E os seus amigos de Lagôa, os taes que fundaram o Centro, bem o devem saber.

Felicitações

O *Heraldo* agradece penhorado os telegramas e cartas de felicitações que foram enviadas ao sr. dr. João Pedro de Sousa depois do seu regresso de Lisboa.

O Socialista

Lemos a correspondencia de Faro, inserta no *Socialista* do dia 19. O correspondente concorda em que na estação, á espera do sr. dr. João Pedro de Sousa, que chegava de Lisboa, havia talvez mais de 1500 pessoas, mas no seu espirito de desastrado *socialista*, sempre vae dizendo que os correligionarios do sr. dr. Sousa se limitavam ás duas ou tres duzias de pessoas que o receberam com vivas e palmas.

Não conhecemos o correspondente, mas ficamos sabendo que é um despeitado, que, apesar de *socialista*, não tem duvida em deturpar os fatos. Foi-lhe custoso dizer a verdade, porque supoz que com ela talvez o *partido socialista* não lucrasse coisa nenhuma.

Ora nós bem sabemos que as pessoas que entraram na manifestação, positivamente em numero superior a tres mil (o correspondente não tinha olhos de ver) nem todas pertenciam ao *partido democratico*. Bem sabemos isso, nem seria preciso que qualquer despeitado ou invejoso viesse dizelo nos jornaes.

Em manifestações desta natureza, principalmente quando a elas concorrem milhares de pessoas, ha sempre muitos curiosos e alguns *observadores mal intencionados*, que sempre fazem numero. E não seria isto o que succedeu quando no dia 23 de agosto o sr. Pedro Muralha, director do *Socialista*, fez uma conferencia no teatro Circo de Faro? Quantos *socialistas* concorreram a esta conferencia? Que disseram a seu respeito os jornaes da terra? E que disse o *Heraldo*?

Pois os srs. *socialistas*, se é que eles tem alguma responsabilidade nos despeitos do citado correspondente, esqueceram-se de tudo e veem agora á baralha com a estulta pretensão de menosprezar as manifestações que a todos os respetos foram grandiosas e altamente significativas.

E' assim que eles sabem corresponder ás nossas amabilidades. E' assim! E tudo isto para ver se podem incutir no espirito de todos os seus leitores a convicção de que os elementos que foram esperar o sr. dr. João Pedro de Sousa eram afetos, na grande maioria, ao *partido socialista*.

Pois seja o que eles quiserem. Socialistas ou democraticos, foram á estação aguardar o sr. dr. João Pedro de Sousa, para lhe render a homenagem de que o julgavam merecedor.

Seriam democraticos? E' provavel, atendendo a que o sr. dr. João Pedro de Sousa está filiado no *partido democratico*.

A não ser que o referido correspondente os considere a todos *socialistas*, pela ideia de que os habitantes de Faro, do Algarve, do paiz inteiro, da Europa, do globo, são todos do *partido socialista*, como são puros *socialistas* os bichinhos dos montes e dos mares, e os corpos sidereos.

Tudo socialistas!!

A' pollela

Alguns inimigos da Republica entretem-se a escrever pelos urinoes publicos os maiores insultos ás novas instituições.

Pedimos ao sr. commissario que mande apagar esses covardes insultos e ordene a maior vigilancia por parte dos seus subordinados, afim de se conseguir pôr termo a tão infames abusos.

CARTA ABERTA

Ex.^{mo} Governador Civil do distrito de Faro:

A coerencia no homem é sempre um grande predicado, logo, o homem, qualquer que ele seja, deve ser coerente com os seus atos, porque, caso contrario, deixou de ser um homem, e os homens então ficam com o direito de o cognominar a seu bel-prazer. Em 10 de julho do corrente ano, endereçou-me v. ex.^a uma carta, na qual em certa altura me diz: «Sobre os diversos assuntos de que aqui tratamos, quando v. aqui veio e que versaram simplesmente a sua pessoa, dei-lhe a entender que a situação de Monchique não podia continuar a ser a mesma.»

Não melhorou essa situação, antes se vem agravando.

Pergunta-se: quem era que agravava a situação? Responda-se com clareza e sem macaquear: Eram os *talassas*. Quem os autorizou a tal? O administrador do concelho? Esse não; e não, porque, quando de taes manigancias, ele telegrafou ao ex.^{mo} ministro do Interior, pedindo providencias, afim de poder reprimir os desmandos dos taes *talassas* que, aguardando a entrada do Concelho pela foia de Monchique, preparavam terreno para poder cair nos braços do sr. Paulino, ficando assim comidos o administrador e o sr. Paulino, porque os *talassas* de Monchique são bastante canalhas para não sustentar a palavra comprometida com o sr. Paulino. Dado isto, parece que, se os *talassas* não acatarem as determinações da lei policial do distrito, magoando assim o administrador do concelho, é porque tinham inteira confiança no governador civil. Nada até hoje desmentiu tal conclusão. Verificado tudo isto, vê-se que v. ex.^a disse e não compreendeu que tinha toda a responsabilidade no que deixava dito; porquanto eu, então administrador do concelho, lhe pedia auxilio para reprimir os atos dos conceiristas d'aqui e v. ex.^a respondia que me demittisse, não vindo ainda que, *desautorizado o administrador, desautorizado ficava v. ex.^a, o que assim se deu.*

Se não estou em erro, foi em 7 de julho do corrente ano que v. ex.^a me chamava telegraficamente á sua presença, não para me aconselhar ou indicar a forma de combater tão perniciosos inimigos da Republica, mas sim para me mostrar um abaixo assinado feito pelo medico d'este concelho Bernardino Moreira da Silva, tambem conhecido pelo *Caceteiro da Maia*, acolitado pelos srs. Bernardo Judas, Barrigas Verdes & C.^a, no qual se tratava exclusivamente da minha vida particular. Canalhas! não se lembraram d'a'elles, que é um sudario nojeato. E eu l'h'a perei á claro. Teve o cuidado esse *Caceteiro da Maia* de não dizer a v. ex.^a que é notorio em todo o concelho de Monchique que o principal autor do que deixou dito no tal abaixo assinado foi ele. V. ex.^a recorda-se certamente de que, depois de me receber a murros sobre a carteira que em frente tinha, o que me não pareceu ser nada cortez, pois um superior deve sempre receber um seu subalterno cortezmente, para que este ao menos recolha uma lição de cortezia, me mostrou um telegrama assinado pelo medico municipal d'este concelho, Bernardino Moreira da Silva, o qual era concebido nos seguintes termos: *Ex.^{mo} governador civil. Faro.—Povo este concelho incompatibilizado administrador concelho pede providencias.*

Farpante introjão! Creio que v. ex.^a está certo da resposta que lhe dei, a qual ainda hoje mantenho e que foi: *Sempre o mesmo canalha!*

Estou certo que v. ex.^a está hoje convencido de que, quer no abaixo assinado, quer no telegrama, foi introjado, é possivel que a seu conteúdo porque se v. ex.^a tivesse querido ver, teria morto a charada com um só murro que tivesse dado na aludida carteira, que com certeza ficou com as costelas amolgadas, di-

zendo-me:—Mantenha o prestigio da autoridade e proceda contra quem delinquir! Era assim que a v. ex.^a lhe ficava assistindo autoridade.

Dito isto, é bom que também se diga, para que os que me leem fiquem sabendo, quem foi que provocou em Monchique tumultos e arruaças, nas vésperas da incursão conceirista, não respeitando a lei policial. Os tumultos entre talassas fizeram-se por meio de foguetes, bombas de grande força etc. dando-se-lhe fogo altas horas da noite, praticando isto em quintaes, varandas, subúrbios da vila etc. mas o que no meio de tudo isto tem muita graça é que, na varanda do tal Bernardino Moreira da Silva, medico municipal deste concelho e fabricante do tal abaixo assinado e telegrama, também altas horas da noite se atiravam foguetes. Isto sei-o eu sr. governador civil, porque não obstante a pressa que v. ex.^a tinha em me alijar, deu-me o tempo preciso para fazer instaurar processo aos grandes heróis da fogueirada. Quer dizer, o grande caçateiro fazia o choro e a caramuiba. Ora, exemplos d'estes só os dá quem é capaz. Não faltou também ao baúque o sr. Carrapicho Segurado e Silva, empregado da Santa Casa da Misericórdia, da qual é farmacêutico e fornecedor de drogas. Que a Santa Casa sirva para os pobres que d'ela carecem está bem, mas para o sr. Carrapicho, que é muito rico, está mal. Os pobres e todos os amigos d'eles devem reagir contra taes desmandos, visto que a direcção os tem consentido.

Com a farmacia gasta-se anualmente:

Vencimento do farmacêutico...	330\$000
Expediente	30\$000
Limpeza.....	14\$400
Contribuição industrial.....	30\$000

Réis 404\$400

Não falando em concerto de mobília e aquisição de frascos para a mesma farmacia cuja verba em 1911-1912 foi orçada em conta redonda, 100\$000 réis.

Tem sido uma misericórdia e assim o atestam as contas de 1910, contas a que eu pedi revisão, mas a que v. ex.^a não deu ouvidos, dizendo-me que se não importava com o que se havia passado antes da sua gerencia, mas querendo servir-se do caso passado, não na sua gerencia, com uma casa que pertence à Santa Casa da Misericórdia e que não constava do orçamento da mesma Santa Casa e porque o inquilino me havia entregue a chave por não saber a quem de direito ela pertencia e porque havia pago ao tesoureiro, José de Oliveira Chaparro Junior, o aluguer da mesma casa, sem que este lhe desse recibo, não obstante lh'o exigir, ignorando-se até hoje a favor de quem reverteu tal produto. Conheço v. ex.^a um contrato (gazia) da dita casa, feito pelo sr. João Gregorio de Figueiredo Mascarenhas então provedor da Santa Casa, ao não menos sr. Carrapicho Segurado e Silva. Conheço, porque ai me falou d'ele, mas o que com certeza não sabe é que esse contrato não consta de nenhuma ata e a lei opõe-se a contratos de tal natureza, quer dizer, é contrato que só apparecia se alguém se intromettesse na boa ordem do quero, posso e mando. Não faltando também a festa o sr. Oliveira Chaparro, tesoureiro da mesma Santa Casa. E' que esta coisa de ser tesoureiro é muito boa, principalmente quando a caixa tem fundos e se tem uma gerencia de feição. Este sr. Chaparro dizia ha dias a um seu amigo:—*Isto agora está tudo sosegado!* Pudera. Se Conceiro tem conseguido os seus fins, o sr. Chaparro continuaria atirando e mandando atirar foguetes. Este sr. Chaparro, pelas suas proezas já devia estar conhecido deste povo, mas continua envolto em manto de seda.

Foi assim que v. ex.^a na ancia de salvar os conceiristas que contra a Republica se pronunciavam por diversas formas e feitiços, no que são feteis, poz em liberdade o conspirador Antonio Joaquim Rocha, que daqui remeti a esse governo civil, não obstante acompanharem o dito preso documentos comprovativos da guerra por ele feita às atuais instituições, documentos em que depozeram homens que teem direito à consideração de v. ex.^a. Estou certo de que, se v. ex.^a assim proceder, foi por ver no tal sr. Rocha (que por si só nenhum valor tinha) o fio condutor para a descoberta de certas manigancias praticadas neste concelho, e que ficaram por desvendar, e só por este motivo v. ex.^a me podia dizer que me demelisse.

Não esquecerei nunca a amabilidade que v. ex.^a teve para comigo, e consistiu ela em me oferecer um passe no caminho de ferro, o qual não aceitei, porque desejava não passar por policia, por espinhosa que é tal missão e por entender que só se deve recorrer a taes mizerias quando delas se careça.

Finalmente, por tal forma me alonguei, que com certeza teria perdido o principal objectivo se de repente me não viesse

à mente o fim desta minha correspondencia, que é: inquirir de v. ex.^a se ainda se conserva governador civil da minha querida provincia, por que um governador civil que diz a um administrador de concelho que se demita, por este não consentir ou desejar não consentir que as atuais instituições fossem vexadas pelos seus inimigos, conforme o que em Monchique se deu, não tem autoridade para se conservar à frente de tal governo, a não ser que os timpanos lhe estejam vendados ou por não haver coerencia ou ainda por se ser talassa, pois o protesto tem sido geral em toda a provincia do Algarve contra a administração ruinosa de v. ex.^a

Até breve.
De v. ex.^a,
Monchique, 16-9-1912.
José Joaquim Candeias Maio.

Cartas da Serra

III

A ESTRADA NOS DIAS NUBLADOS—VAPORES SUBTILÍSSIMOS E NEBLINAS DE SONHO—O CORTEJO FANTÁSTICO DAS ARVORES ENVOLTAS EM NEVOEIRO E A VAPOREOSA «ÉCHARPE» DOS MONTES—VIBRAÇÕES SONORAS, TERRA HUMIDA E TONALIDADES DESLUMBRANTES—PEROLAS DE ORVALHO—FRISTEZAS E DEVANEIOS—CENAS DO PASSADO—A NATUREZA SOBRE UMA «PATINE» DE PRATA—FUMOS E NEVOEIRO—CONSIDERAÇÕES FILOSÓFICO-SOCIAES—IDÉAS FLORIDAS E UTOPIAS HUMANITARIAS—UM POUCO DE ANARQUIZMO EM PLENA ESTRADA—OS PROPRIETARIOS, A EXCRESCENCIA DANINHA DA CIVILIZAÇÃO—A PARTILHA DA TERRA E O FIM DA INIGUIDADE—O VERDADEIRO SIGNIFICADO DA PALAVRA «FRATERNIDADE» E UMA PATRIA SEM FRONTEIRAS—A SUBLIME RELIGIÃO DO TRABALHO—O «PATRONATO» E A «AUTORIDADE», AS GRANDES «MANCHAS DA CIVILIZAÇÃO ATUAL»—TRABALHADORES-ESCRAVOS, ALCOOL E PRIVILEGIOS—A PAZ, A CONCORDIA, O TRABALHO E A JUSTIÇA E DO MUITO MAIS QUE SE DISSER.

A's vezes, nos dias nublados, a estrada enche-se de vapores subtilíssimos que esbatem o arvoredo e os aspectos que a circuitam n'uma vaga neblina de sonho.

Então as arvores que a orlam assumem apparencias de um longo cortejo de fantasmas que a perder de vista la-deasse o viajante; as nuvens adornam com a sua vaporosa «écharpe» o cume dos montes mais altos e uma grande tranquillidade parece brotar de todo aquele cenário algodoado e brumoso.

As vibrações sonoras diminuem a intensidade, diluem-se os passos e o rodar dos carros sobre a terra humedecida e os verdes da vegetação atingem tonalidades de uma finura deslumbrante, todos mergulhados n'uma vaga patine de prata.

Pela folhagem reluzem, mortiças, grandes perolas de orvalho.

Uma tristeza propicia a suaves devaneios envolve os campos e parece levar-nos o pensamento para cenas já vividas de um passado remoto, a perder-se em brumas tão vagas e subitís como as que velam a nossos olhos mortaes com a sua gaze diáfana, os lindos aspectos da Natureza.

Confesso que sempre me delicio extraordinariamente o nevoeiro.

Gosto das paisagens brumosas em que tudo assume apparencias lendarias e parece viver n'uma atmosfera de sonho, branca e humida, encantam-me os aspectos sempre novos da Natureza velada pelos fumos do nevoeiro e não posso evitar que uma infinita tristeza venha affligir-me fazendo-me pensar na enorme desigualdade das condições de vida a que está submetido o animal humano.

Estas reflexões exacerbam-se, aumentam, crescem e ramificam-se n'uma poderosa florescencia que por completo ensombra todos os outros pensamentos, especialmente quando tenho ersejo de ver, sob a humidade lastimosa dos dias de labor, o trabalhar insano dos que arrastam uma existencia miseravel, adstrita à sua mesquinha condição de automatizados humanos, que só vivem para o cultivo da terra, que passam longas horas, arrancando-lhe tesouros que, afinal de contas, em vez de constituírem a recompensa natural de um trabalho extenuante, vão depois transformar-se em oiro nas mãos ociosas dos grandes proprietarios, d'essa excrecencia daninha da Civilização em que o rodar dos seculos transformou os antigos senhores feudaes.

Como seria magnifica a formula politica que conseguisse a partilha da terra, acabando de vez com a detenção da propriedade nas mãos dos privilegiados da sorte!

O mundo, liberto finalmente de todas as lutas impulsionadas pelo Inte-

resse e pelo Egoismo, transformar-se-ia n'um verdadeiro paraizo.

Os homens (ompreenderiam então o verdadeiro sentido da palavra fraternidade e em vez de lutarem como inimigos irreconciliaveis, aprenderiam a acamararad como irmãos, sob o ceo hospitaleiro de uma Patria sem fronteiras, sem crimes nem extorsões!

Utopia? Sonho?

Delicioso sonhar é este que nos faz antever o que será, em todo o seu esplendor, a victoria da sublime religião do Trabalho!

A terra toda repartida equitativamente, a humanidade inteira trabalhando, produzindo, dentro da esfera de todas as aptidões e tendencias para um aperfeiçoamento geral, o patronato e a autoridade burgueza, as duas grandes manchas da sociedade actual, completamente aniquiladas, como velhos idolos despresiveis, abominaveis e impotentes!

A onda sombria dos trabalhadores-escravos, dos sem eira nem beira, completamente emancipada, liberta da ignorancia e do alcool e auferindo, como de justiça, a grande luz da Civilização, todos os beneficios tendentes a aligeirar os pesados encargos da existencia!

Seria lindo! Deslumbrante!

A ociosidade, esta epidemia terrivel, este mórbus sinistro e canceroso que ameaça destruir a humanidade, enervando-a, envenenando-a com os requintes de um luxo desnecessario e prejudicial, combatida eficazmente por toda a parte; os antros tenebrosos em que a maldade humana aprende a disciplinar-se e onde tantas iniciativas se perdem e atrofiam, transformados em escolas e em grandes fabricas, onde o homem emancipado, o homem livre, vigie atento o funcionamento vertiginoso de complicados maquinismos, incumbidos de aligeirar todas as tarefas, todos os trabalhos...

A Paz e a Concordia, o Trabalho e a Justiça governando o mundo, presidindo à evolução de uma humanidade civilisada!

Que sonho lindo! Que sonho deslumbrante!

Infelizmente simples sonho e tão indesejo e vago como os aspectos da Natureza sempre que os reveste o nevoeiro com a sua linda patine de fumo branco...

Lisandro.

ALCOOLISMO

A embriaguez embrutece e aniquila o homem e é a causa da mizeria e infortunio da familia.

A embriaguez degenera o individuo e a familia deste, muitas vezes até á terceira geração.

O filho do alcoolico pode herdar não só o vicio da embriaguez, como póde nascer um idiota ou um cretino.

A embriaguez degrada o homem, compromete-lhe a honra e a dignidade, e leva-o muitas vezes á pratica de crimes hediondos e selvagens.

Como se pode evitar tanto crime?

Pela propaganda constante, na imprensa, nas escolas, em conferencias publicas e até nos theatros.

Será o bem da humanidade em geral e da nossa raça em especial. Em todas as partes do mundo se tem levantado enormes campanhas contra o alcoolismo, e creio que o unico paiz que tem conseguido quasi extingui-lo é a Suecia.

A maior parte da gente bebe mais do que devia e, sob este ponto de vista, é bom fixar que bebado não é só o desgraçado que cheio de fome e mizeria tomba após a digestão de um ou dois litros de uma repugnante mixórdia, a que os taberneiros dão o pomposo titulo de vinho, quando não passa de uma reles composição quimica poderosamente auxiliada com os poços de Faro; bebado é também aquele que dispende de meios passa a vida ou se entretém pelas mezas dos botequins enchendo o estomago de quejandas porcarias galhardamente rotuladas que o envenenam e matam.

Nunca esquecer aquella frase do sempre chorado dr. Sousa Martins:—«Bebados eram todos os que pareciam e mais metade dos que não pareciam. Nunca é tarde para uma boa regeneração e a nossa raça bem necessita que por todos os meios se combata o uso do alcool, para a tornar forte e util a uma patria redimida e digna de progresso.

Faro, 11 de setembro de 1912.

José Martins da Cunha.

CANCIONEIRO DO POVO

Vós chamaes-me moreninha
Isto é do pó da eira;
Vinde ver-me no domingo
Como a rosa na roseira.

A silva que a mim me prende
Da tua janela nasce;
Nunca a silva me prendeu
Sem que dela me vingasse.

CONTOS E NOVELAS

SAPO CONCHO

Aquele ancião que todas as tardes me habituára a ver junto das pedras da fonte velha, interessava-me extraordinariamente.

Presentia naquele corpo alquebrado e tremulo todos os vestigios de um passado de lagrimas, todo um poema de desgraças e infortúnios.

Quando o avistei pela primeira vez sugeriu-me uma estatuetta da infelicidade modelada pela grande força do Acaso.

Vestia pobremente.

O seu feto de cõr neutra harmonisava-se tão bem com o fundo de vegetação que o rodeava que, sob aquela penumbra verde, coada através das folhas das acacias ouro-floridas e em que as formas e as linhas pareciam fundir-se em grandes manchas vagas, ele lembrava uma aparição fantástica, algum ignorado genio dos bosques que para ali tivesse surgido.

Inquiri no povoado quem fosse. Ninguém lhe sabia a historia nem o nome.

Chamavam-lhe o Sapo Concho e conheciam-no pela sua habitual permanencia junto da fonte velha e pelos seus raros passeios através da povoação.

A alcunha fôr-lhe dada pelo tom esverdeado dos olhos cansados onde ás vezes pareciam rebrilhar clarões de volupia.

Tudo isto e a indicação de que vivia em plena montanha, num casebre que adquirira sem regatear, foi o mais que consegui saber relativamente ao misterioso velho.

No povoado a fantasia popular vingava a sua curiosidade attribuindo ao ancião um pacto com as potestades diabolicas.

A' noite nenhum camponez se aventurava a passar-lhe ao rez da porta, receando malefícios e bruxedos e não faltava quem affirmasse ter visto, noite velha, sair pela rustica chaminé da choça do Sapo uma negra falange de bruxas, cavalgando vassoiras e uivando de tal sorte que até se arripiavam as carnes de quantos as ouviam.

Tambem se dizia que em certas noites, escancarada a porta, o velho fôr visto a fazer esconjuros, sentado em frente de uma grande fogueira de toros de castanho, cujas lavaredas de oiro abriam clarões tragicos no pequeno eirado fronteirizo á choça, indo morrer mais longe, afogados na massa verde negra da vegetação adormecida.

—Historias!—Respondi eu aos que me descreviam tão maravilhosos successos, e, tendo-lhes pago com alguns centavos a urdidura de tão fantasticas narrativas, deixei-os curtindo um grande pasmo estúpido perante a minha natural incredulidade em taes mysterios.

O pouco que apurara acerca do Sapo Concho incitara a minha curiosidade.

Agora, desde que sabia que um halo sobrenatural aureolava aquella figura exótica, crescera em mim o desejo de decifrar aquelle enigma vivo, de ler aquelle livro velho, de compreender e interpretar aquella estatuetta do infortunio, aquele bronze da desgraça onde apparecia o simbolismo de todas as angustias e a verri-na de todas as miserias.

Deliberei interrogar o velho, arrancar-lhe o segredo da sua misteriosa existencia, colhendo ávido todas as impressões resultantes da narração da sua vida que eu fantasiava fertil em successos estranhos.

Uma tarde abei-rei-me dele, saudei-o com um *boa tarde!* respeitoso e fui sentar-me perto, sobre o muro ulcerado de musgos e meio demolido, que circuitava a fonte do lado do vale.

Responden-me com um leve aceno de cabeça e queodon-se silencioso, mergulhado o espirito no seu habitual sonho vago.

—Lindos, estes sitios!—arriquei passados instantes, como quem deseja entabolar conversa.

—Lindos, na verdade!—responden-me—Especialmente para quem possa vê-los com olhos desanuçados de saudades e amarguras...

O velho dera uma tão sentida expressão ás suas palavras, que recrudescen em mim toda a curiosidade que me levára a falar-lhe. Respondi, afetando indiferença:

—Não ha ninguém absolutamente feliz neste mundo!

O velho sorriu, descrente. Qual? Era falso! A felicidade absoluta essa é que é um mito sobre a terra.

Quanto á desventura é tão vulgar vê-la atingir toda a plenitude que, a bem dizer, nem valia a pena queixumes contra os rigores da sorte-acaso, contra as injustiças flagrantes do destino.

—Falas como experimentado,—respondi-lhe—e por muito feliz me daria se me quizesse honrar com a explica-

ção das vossas palavras, através as quaes antevejo mysterios...

—Confidencias!—Tornou o velho em cujos olhos brilha um clarão de desprezo.—Pará quê?

A curiosidade é uma especie de doença cronica dos ociosos...

Para que servirá divulgar uma historia que parece um rosario de amarguras? Para que perder o tempo descrevendo casos que pertencem ao passado e em que figuram creaturas extintas?

Além de que, é sempre triste a quem sofre reviver maguas, revolver cinzas que ainda queimam...

—Não é como dizeis. A confidencia é sempre o refrigerio dos que sofrem; assim o compreenderam os fundadores das religiões quando instituiram a confissão...

—Será! Mas para os que ouvem, para os que recolhem essas sinteses das vidas alheias, que vantagens poderão advir, mais do que um terrivel aborrecimento?

—Não—tornei eu—existencias são sempre exemplos e como tal se devem acolher, aproveitando-se-lhes os ensinamentos que contem e, quanto a mim, nenhum desgraçado deve ser tão egoista que oculte as suas dores, de forma a dificultar o remedio aos que padecem de igual mácula.

—Seja! Ouvi, então, a minha historia, —acuesceu o velho, dispondo-se a falar...

Foi sentado á sombra dos eucaliptos de folhas prateadas que o ancião contou em toadas tristes, todo o poema elegiaco da sua existencia acabrunhada.

Pesava sobre aquele velho esqueletico, de longas barbas de profeta e de rosto ossudo, trabalhado em marfim, um grande infortunio, um tenebroso drama de angustias, que se podia descrever em quatro palavras e que lhe levára a viver longos anos de lagrimas.

Fora rico. Descendia de nobre estirpe e quando moço apaixonara-se doidamente por Elvina, uma linda orfã, recolhida caridosamente por uma camponeza, cuja heridade demorava perto dos limites dos seus vastos dominios.

Deslumbrara-o aquella formosura loira, de carnes rosadas, de feições aristocraticas e mãos brancas e finas como de príncipeza.

Resistiu a moça aos galanteios do fidalgo que a perseguia por toda a parte e de todas as formas que a sua imaginação lhe suggeria.

Amou-a em delirio, em furia!

Dominado pela paixão, um dia, pagára a mercenários para que a arrancassem de casa da mãe adotiva e lh'a entregassem.

Mandon-lhes que conduzissem aquella mulher em flor para uma casa perdida no meio dos campos, ensombrada por velhas arvores discretas e que ele preparara para os gosos egoistas daquelle noivado imposto.

Fora uma noite esplendida! Vira com olhos abrazados em luxuria chegar o bando dos seus assalariados, conduzindo Elvina que desmaiara, e possuir-a brutalmente, impulsionado pela grande furia de amor que o abrazava.

Ela, semi-morta, fraca resistencia opuzera.

Nos olhos de um azul ceruleo vitrificavam-se-lhe lagrimas de infinita amargura.

Em dois dias, ele, brutal, sequioso de amor, não largara aquelle corpo de neve e rosas, queimando-o com a ardencia das suas caricias de fogo e os seus beijos lascivos...

Subito uma figura severa tinha vindo interromper aquelle idílio lubrico com a intervenção tragica.

Era seu pae. Terrivel, o velho fidalgo apenas lhe dissera:

—Maldito! Seduziste tua irmã!

Arrastando o peso daquela terrivel maldição fugira, peregrinando mundo em fôra, lendo o odio e o desprezo em quantos olhos o fitavam.

Gastára longos anos no seu caminhar sem destino. Abismára-se em todos os pantanos do vicio, na ancia de esquecer o seu crime; curti-a em longas horas solitarias toda a florescencia da sua infamia e agora, alquebrado e velho, viera parar áqueles sitios muito distantes da sua terra natal e onde o seu nome é o seu crime eram desconhecidos.

Mas,—tornei eu, depois de passada a crucial impression que a sua narrativa me causára,—a que vindes, todas as tardes, para junto desta fonte?

—E' simples, explicou Sapo Concho, cujo olhar rebrilhou num clarão de volupia,—foi junto de uma fonte que vi Elvina pela primeira vez; ficou-me, desde então um grande amor por todos os sitios em que pairam frescuras de aguas ouvindo cantar as fontes; julgo que elas choram comigo as desditas que me pungem e que devo ao destino impiedoso...

Lyster Franco.

Ainda a infamia do governador civil e seus sequazes

Até hoje e que eu saiba, o governo da Republica nada resolveu sobre a questão pendente.

Manter por mais tempo á testa do distrito, o antigo apologista de João Franco, esse homem reles que manifestamente desprestigia as instituições com os seus desequilíbrios e maldades, — o incorreto que desrespeita a velhice, como um filho pervertido desconsidera os paes, — o epilético que capricha em desafiar as iras dos verdadeiros republicanos, empregando todos os meios para os desconsiderar, — o vingativo bronco que volta e meia dá beija-mão a monarquicos, — o tarado e ridículo D. Quixote, que tenta seduzir mulheres dignas, indo colocar ramos de flores sobre os peitoris das janelas das que ele julga facéis de vencer, caindo no ridículo de quantos o observam, — o cheira-grupos, com o fim de saber o que se discute, — o que ordena a prisão de patriotas dedicados, convivendo amigavelmente com reacionarios emeritos; se não é faciosismo ou falta de escrupulo politico, é descuido imperdoavel da parte dos homens que tem nas mãos os destinos da nossa Patria livre.

Não foi para isto que se fez o 5 de Outubro! A Republica implantou-se para não continuarmos a chafurdar na lama da ignominia, do roubo, das vinganças pessoais e das arbitrariedades só proprias da monarquia.

A Republica fez-se para ser governada por verdadeiros e dedicados republicanos. Portanto, Paulino de Andrade não pode por mais tempo ser governador civil deste distrito, não só pela sua incompetencia administrativa, como também pelos seus principios, pelos seus instintos rancorosos e pela sua conduta impropria do primeiro funcionario do Algarve.

E' um incompetente, um espirito tancanho? — Eduque-se.

E' um mentecapto, um tresloucado? — Vá para um manicómio.

Féra danada!...

Mancomunar-se com um negro, despresivel intrigista, despeitado, e com outros do mesmo calibre intelectual, para me inutilizar, forjando infamias, não é proprio de homem que prese o bom nome de cidadão portuguez, mas sim dos que fazem parte da escoria despresivel e nojenta, que trama nas trevas a ruina do paiz.

Desmascararam-se os infames.

Tão imbecis que nem tiveram astucia ou manha para bem representar o papel traiçoeiro e despresivel que a si impozeram.

Desastrados perseguidores.

Bobos deste aviariado circo politico.

Carunchosos pin-pun-puns de baraca de lepes. Que tancanhice tão revoltante. Que vingança tão descabelada!

Historiemos:

No dia 25 de Agosto proximo passado, ao declarar que não queria ser *menezes*, e estava no meu direito, porque custe o que custar, não me quero confundir com um negro alcoolico, e mesmo porque sou muito cioso dos meus direitos de cidadão livre, fui depois de ausente do sitio onde se deu esta troca de palavras rapidas e muito a tempo, como vem relatado neste jornal do dia 28 do mez acima citado, ameaçado de morte por ludovico *bujamé*, que armado de revolver e sem licença de porte de arma, feito Bertoldo desordeiro, fez um gesto selvagem, apontando a arma assassina ao espaço. Como resposta á sua agressão frustrada teve o meu maior desprezo.

Passaram-se os dias e eu não mais liquei importancia á cena tragica-ó-burlesca do *basofiento* escuro.

Mas ele, tão negro na alma vil como na cõr, jurou a Búda vingar-se de um homem que se não é inteligente como ele, e disse não sente o mais pequeno despeito, é sem receio de desmentido mais patriota do que ele nunca foi, nem será.

E a vingança, depois de bem *frigidar* as idéas, veio a lume, qual raio luminoso e vivo, projetado por um pavio de indio, alimentado a azeite estraído dos figados de mil e quinhentas vitoras, ligadas ainda á arvore genealógica do alveitar diplomado. Foi então que surgiu na repartição de finanças, bazar de ilegalidades e burlas, immoralidades e devassidões, onde as sindicancias até hoje não surgiram, mas que pouco hão de demorar para bem da moralidade e do prestigio da Republica, um officio enviado pelo delegado do tesouro sr. Abreu Marques, amigo intimo do scriba que deve á Fazenda Nacional aproximadamente duzentos mil reis, fazendo as seguintes perguntas;

«Queira informar se ludovico de menezes, deve algumas contribuições á Fazenda

Nacional, o quanto, do que são e em que altura está o processo».

Como se o sr. Marques ignorasse, sendo ele quem por varias vezes mandou sustar o andamento do processo do ludovico *bujamé* seu particular amigo! Foi então que eu desconfeitei do alto interesse do funcionario de finanças, pondo-me logo em guarda sem ser forte esgrimista. Eu que podia, na qualidade de escrivão das execuções fiscaes, valer-me das minhas attribuições officiaes para tirar um desforço da ameaça do Bertoldo desordeiro, não o fiz para que se não dissesse que exercia uma vingança.

Fui obrigado a proceder, em face do que decifrei nas entrelinhas do officio.

Citei o selvagem na presença de duas testemunhas idoneas, que estão prontas a declarar que eu tratei o negro alcoolico, com a maxima correção e delicadeza, recusando-se ele a assinar o termo de citação, ao mesmo tempo que blasonava disparates como este:

— Não assino porque o Abreu Marques meu particular amigo e delegado do tesouro, é que está encarregado de resolver essa coisa».

Admirei-me do sr. Abreu Marques se prontificar a ser procurador do negro, quando a lei a isso o não autorisa. Mas calei-me porque cada um lá sabe as linhas com que se cose e os colres do Estado podem ser lesados sempre que seja preciso em favor dos tubarões.

Fiz o serviço e descansei, julgando que os meus inimigos não me pudessem prejudicar. Pois mesmo assim os poltrões não trepidaram, pondo em pratica o plano concebido.

A seguir deu-se a coincidência do meu manifesto e bem publico protesto contra os inimigos da Patria. na *gare* do caminho de ferro, e então todos os meus inimigos pessoas e politicos se uniram para completar a vingança com processos de perseguição.

O Rebelo Neves, aspirante de finanças, que me odeia por não concordar com a minha politica democratica e que na repartição achava azados todos os momentos para achincalhar o Partido Democratico e os seus homens, fazendo até insinuações grosseiras a França Borges e ao seu jornal; o alferes Cabeçadas, esse gentil anemico *capacista* que me odeia também, por eu, quando se organizou o batalhão de voluntarios de Faro, não aceitar a imposição d'um comandante escolhido por ele; o capitão Luz, protagonista da malfadada questão do 33; o ludovico de menezes, charlatão de corníferos, que é soberbeamente conhecido pelas suas *exaltações alcoolicas*; e, como chefe do *complot*, a figura irritante do paulinesco chefe de distrito, — puzeram-se em campo e da forja da santa reacção, depois de fazerem passar por todos os supplicios inquisitoriaes o sr. Corte-Real, meio desmemoriado e assustadiço, especie de queijo de nata, conseguiram a ordem da minha suspensão e, após tão grande façanha, a ordem terminante ao administrador do concelho para levantar um auto de calunias e falsidades.

Houve alguém que me disse que ao administrador do concelho repugnou levantar auto pelas difamações que me attribuiu o anemico e desautorizado alferes Cabeçadas, o Eros raquitico, companheiro desvelado do major Alarcão até Loulé.

Mas... mandava quem tudo póde fazer, até que a porca torça o rabo, e ele obedeceu, depois de um desafinado concerto de alterações que não satisfizeram o heroe de Loulé.

Eis exposta a canalhice destes poltrões á luz clara da verdade. E não venham os moralistas de agua chira dizer que eu sou violento na minha linguagem e não respeito entidades.

Outro no meu lugar e com menos serenidade de espirito, ao ser victima de perseguições tão infames, punha em pratica atos mais violentos.

Porém eu, satisfaz-me o caustico da pena. Sangra mais fundo é a alta sucia, os pedantes desmiolados que ainda querem que os seus pergaminhos safadissimos e balofos predominem, mordem-se de raiva, porque todos ficam conhecendo as suas arteirices, e aqueles que os atacam na imprensa, não sujam as mãos em caras tão indignas e lodosas.

Não me sensurem os homens dignos por eu estigmatizar os infames que me guerreiam e perseguem, por eu lhes pôr a calva á mostra.

Porque quando uma vitima brada por justiça deve ser atendida. Quando um filho do povo, da *ralé*, se impõe aos *parvoastros*, nunca devem sorrir desdenhosos.

Foram os filhos do povo, a *ralé* da rua, que fizeram a Republica, os que a amam com abnegação.

Foram eles que serviram de degraus

para os nossos governantes subirem ás culminancias do poder. Os unicos também, que devem ser atendidos, porque estão em contato com os tiranetes de segunda plana, os mandarin provincianos que distantes da vista dos homens que dirigem os destinos desta patria redimida, praticam despotismos que servem apenas para a comprometer e dão azo a que os reacionarios envernizados de republicanos da ultima hora, não poupem a Republica, anavalhando-a, quaes rufias traçoeiros.

E é por tudo isto, que eu, emquanto não destronarem o desqualificado e vingativo Paulino, farfalhote de pacotilha, galanteador de mulheres casadas, provocador pimpão dos homens que o desprezam pela sua politica de vão de escada, pelas suas perseguições de bonifrate sem escrupulos, o hei-de escalar, embrulhando-o e aos seus sequazes na mortalha da minha prosa humilde e sem flores de retorica, mas fustigante e verdadeira. Dêa a brancos, azues, ou negros.

Venham as sindicancias e depois veremos quem são os honrados.

Que se apurem as responsabilidades e a conduta do leopardo que dá pelo nome de Paulino, e depois digam quem é bom patriota.

Senhores do governo. Um republicano historico pede castigo para os delinquentes a bem da Republica, e justiça para um perseguido que bem a merece.

José Antonio Machado.

DIA HISTORICO

14 de setembro

1506—Diogo de Azambuja toma Caffim em Africa.

1558—Morte do imperador Carlos V. 1761—E' queimado vivo em Lisboa o jesuita Malagrida.

1792—Abertura da Convenção Nacional, em Paris.

1910—São mandados arquivar todos os processos promovidos pelo gabinete negro contra a imprensa.

16 de setembro

19 (A. C.)—Morte de Virgilio.

1792—A Convenção Nacional proclama a Republica Franceza.

1833—Chegada de D. Maria II a Lisboa.

1910—A Associação do Registo Civil cumprimenta o ministro da justiça dr. Manuel Fratel e oferece-lhe todo o seu apoio.

17 de setembro

1593—Assalto á fortaleza do Morro.

1738—Morte do medico Berhaave.

1834—A Serra do Pilar é elevada á categoria de fortaleza.

1836—Morte da celebre cantora Malibran.

1910—Realisa-se a ultima abertura das côrtes em Portugal.

18 de setembro

789—Concilio geral de Nicêa.

1583—Desembarca em S. Vicente o reverendo José de Anchieta.

1751—Horroroso auto de fé em Lisboa, no qual são penitenciadas 62 pessoas.

1799—Vitoria de Zurich, ganha pelos francezes aos russos.

1910—Morre em Rilhafolles o dr. Teixeira Reis, assassino do lente dr. Sousa Refoios.

FILOSOFIA PRATICA

PENSAMENTOS

Os sabios são pessoas que se atolam mais adeante que as outras, mas atolam-se mais...

A. Karr.

A medicina é a unica profissão em que é permitido mentir.

Lavigerie.

Querer limitar a mulher a saber do governo da casa, não lhe dar outro ensino, é esquecer que da casa de cada cidadão é que saem os erros e preconceitos que avassalam o mundo.

A. Martin.

Entre os que gritam contra a opressão, quantos o fazem penalizados por não poderem também oprimir!

Napoleão,

O estudo é a mina de oiro mais puro e abundante que existe.

Silva Osorio.

Livra-te do falso amigo como da peçonha.

Pausanias.

A guerra é um flagelo resultante da imperfeição do progresso.

Quinet.

É TÃO FACIL CONSERVAR-SE DE SAUDE!

A cura que vos é necessaria é a Emulsão de Scott, que, sendo tomada com promptidão e devidamente, é realmente uma cura para as molestias dos pulmões e do sangue, com as molestias da pelle qui d'ahi resultam; para as doenças nos ossos, para todos os estados e graus de fraqueza, qualquer que seja a sua causa; e para todas as doenças infantis, especialmente as que apparecem durante a dentição. A Emulsão de Scott é também um remédio admiravel para as mães.

Mas tem de ser a Emulsão de Scott, porque não ha outra Emulsão nem outro preparado que tenha alcançado o archivo de curas que a Emulsão de Scott tem registado em todos os paizes civilizados.

Se padecerdes dos pulmões, procure hoje mesmo a Emulsão de Scott. A Emulsão de Scott cura as molestias do pulmão sendo tomada sem demora, em todas as epochas da vida. Cura-as nos novos, nos velhos e nos de meia idade.

NOTA: Apezar do Imposto de Sello de 50 reis por cada frasco, todas as Pharmacias e Droguarias vendem a Emulsão de SCOTT aos preços antigos a saber: 500 reis meio frasco e 900 reis frasco grande. AMOSTRA gratuita, contra 200 reis para franquia, obtêm-se dos Srs. James Cassels & Cia., Succs., Rua do Mouzinho de Silveira, 85, 1.º Porto. Exibir sempre a Emulsão com a marca — o homem do peixe — que significa o processo SCOTT.



COM RODAS DE BORRACHA

O editorial do *Intransigente* de quarta feira termina com estas substanciaes palavras:

«O povo portuguez póde progredir e tornar-se um fator importante de civilização. Mas não esperemos que isso se faça com os politicos que para aí temos, porque isso é alimentar esperanças que se desfazem com amargas desilusões.»

Bem te percebemos, rico menino! Todo esse palanfrorio é muito bonito, mas as intenções... deixam muito a desejar.

Para o *Intransigente*, só ha um grande politico: é o sr. Machado dos Santos. Todos os demais não prestam.

Ao menos o sr. Machado dos Santos, se fosse ministro (o que não consegue) sempre seria capaz de tirar o subsidio de 3 contos que o *dubio heroe da Rotunda* está recebendo vergonhosamente.

Não lhe parece?

Ex.^{mo} Sr. Redator de «O Heraldo.»

Rogo-lhe a fineza de dar publicidade no seu conceituado jornal, órgão do Partido Republicano Democratico de Faro, á seguinte declaração:

«Protesto contra a gratuita afirmação de *O Sul*, que teima em classificar-me de seu correligionario.

Declaro terminantemente que nunca fiz parte de Centro Evolucionista nem nunca tomei parte nos seus trabalhos, ignorando em absoluto quem são os seus dirigentes, onde é o Centro, etc.

A não ser que me provem o contrario, acho irrisorio que eles queiram á força colher adesões por tal sistema, que parece significativo para alarde das suas forças.

Com snbida estima me subcrevo seu correligionario.

José Martins da Cunha.

NOTICIARIO

Deu-nos o prazer da sua apreciavel visita n'esta redação o velho republicano sr. José Quintino, patricio que desde ha muitos anos está residindo em Almonte, onde por vezes tem exercido com proficiencia o espinhoso cargo de representante de Portugal.

— Foi a Cadiz, onde se demorará seis ou sete dias, hospedado no hotel Paris, o nosso dedicado amigo e correligionario sr. Ventura Coelho de Vilhena.

— Veiu visitar-nos a esta redação o aluno-medico sr. Jorge Barros Capinha, proprietario e gerente do *Internato Academico*, de Coimbra, um dos mais conhecidos propagandistas dos ideaes republicanos.

— Encontra-se n'esta cidade o nosso amigo sr. José Pedro da Silva Palma, empregado comercial.

— Acompanhado de sua esposa, partiu para Armção de Pera o sr. Eduardo Alberto da Silva Soares.

CARTEIRA

Fazem anos:

Amanhã, 22—D. Maria da Encarnação Travassos Neves Quintino, D. Georgina Fulgencia de Sousa, D. Gabriela dos Santos Moreira, D. Alice Fabricia Canavarro, D. Maria Amelia Lino, D. Elvira Tavares Ramos, Augusto do Carmo Pinto, José Bernardo Alves, Francisco de Sousa Reis, Albino de Mendonça da Costa e o menino João Mauricio Fernandes.

Sagunda, 23—D. Laura Adelaide Ferreira, D. Julia de Almeida Wenceslau, D. Henriqueta Augusta Mateus, D. Lucia Alberta dos Santos Januario, Augusto Miguel das Mercês, Joaquim Vieira Antunes, José Antonio Vieira, Alfredo Marques Tavares e Filipe de Sousa Reis.

Terça, 24—D. Maria das Mercês Maldonado, D. Isabel Ataíde, D. Maria Sequeira Pacheco, D. Luiza Aboim de Leiria e Andrade, D. Elvira Augusta Moreira, D. Maria Francisca de Campos, João Filipe Arandelo, Antonio Bento da Silva, Carlos Viegas Gonçalves, Filipe Cipriano da Costa e José Augusto Ernesto.

Quarta, 25—D. Natalia Vieira da Nazaret, D. Maria Manuela Reis, D. Luiza de Castro Matias, D. Rosa de Vitebro Moreira, D. Ana Antonina de Paiva Gonçalves, Augusto Pedro da Encarnação Almeida, Joaquim Luiz Ferreira, Antonio da Silva Pinto, Augusto José David Juliano da Fonseca Teixeira e Guilherme Augusto Marques de Assis Correia.

CONVITE

A. Fernandes Pinto, gerente da *Companhia Singer* em Faro, convida os seus amigos e freguezes a visitarem a sucursal da mesma Companhia na rua D. Francisco Gomes 33, na noite de 23 do corrente em que, pela primeira vez, depois dos melhoramentos realisados, esta casa está patente ao publico.

Internato Liceal de Faro

INSTALADO NUMA PARTE DO EDIFICIO DO ANTIGO SEMINARIO

Reabre em outubro, devendo toda a correspondencia relativa a admissões ser dirigida ao Presidente da Camara Municipal de Faro.

CAIXEIRO

Precisa-se com pratica de mercaria mixta. Cunha—Faro.

—*J. SILVA NOBRE*—

MEDICO-CIRURGIÃO

Ex-interno dos hospitais de Lisboa

Garganta, nariç e ouvidos—Doenças das senhoras—Tratamento da sífilis e das seções rebeldes pelo 606 de Elich.

Clinica Geral—Operações

CONSULTAS A'S 11 HORAS FARO

AUTOMOVEL NOVO

Aluga-se. Trata-se com Armando Ignacio Pires.

Rua Primeiro de Dezembro 52—Faro.

MARÇANO

Precisa-se de um para praticar em fazendas e que tenha aqui familia.

Diz-se na loja de Lisboa.— Rua do Rego 28—Faro.

GOVERNANTA

de casa, precisa-se d'uma com a idade de 50 a 55 anos que não tenha familia nem pessoa que a governe.

Quem pretender, deve dirigir-se a esta redação.

LATOARIA PONTE

Sucessor de JOÃO F. X. da SILVA REIS

CASA FUNDADA EM 1889

R. Conselheiro Bivar, 3 — Avenida da Republica, 2

FARO



Especialidade em esquentadores para banho, em cobre polido, sistema francez, o melhor, mais economico e perfeito que até hoje tem apparecido.

Manufatura de gazometros e candieiros para gaz acetilene, dos mais praticos e perfeitos. Encarrega-se da montagem dos mesmos em qualquer terra da provincia.

Especialidade em bombas de todas as qualidades as quaes se vendem pelos preços das fabricas.

Instalações completas para agua, em tubo de chumbo ou de ferro.

Especialidade em autoclismos inglezes em ferro fundido, sem valvula, de efeito seguro.

Especialidade em ferros de soldar a gazolina, sistema alemão, o melhor e de maior resistencia até hoje conhecido.

Torneiras de latão de todas as qualidades, folha de flandres, zinco, ferro zincado, tubos de chumbo, de latão e de ferro, em todas as grossuras, latão e cobre em folha. Estes artigos vendem-se a retalho ou em quantidade, a

PREÇOS SEM COMPETENCIA

A FILHA DO DIVORCIO
Romance parisiense de maior interesse na actualidade, por um dos mais admirados escritores francezes e illustrado com magnificas gravuras francezas. Está em publicação pela acreditada casa editora *Batem & Co. Succ. Lisboa*. Brindes aos srs. assinantes: uma estampa em cromolitho com um assunto de grande novidade. Caderneta semanal de duas folhas, 16 paginas, 20 réis. Tomo quinzenal ou mensal de 10 folhas, 100 réis.
As expedições serão feitas em cadernetas de 20 réis ou em tomos de 100 réis, sendo o porte a custa da empresa, a qual não fará segunda expedição sem ter recebido a importância antecedente.

PORTUGAL PREVIDENTE

Companhia de Seguros

CAPITAL 1.000.000\$000

SEGUROS DE VIDA (TODAS AS COMBINAÇÕES)

Seguros contra fogo

Seguros marítimos

Seguros de cristais

Seguros contra roubos

Seguros postaes

Seguros agricolas

AGENCIAS EM TODO O PAIZ E COLONIAS

Séde—Rua do Alecrim, 10—LISBOA

AGENCIA EM TAVIRA

PHARMACIA CUNHA 181

HOTEL MARCELLINO & ALGARVIO

PROPRIETARIOS

JOSE MARCELLINO & TAXINHA

RUA DA PADARIA, 52 E 58—LISBOA

Comida e cama a 800 e 1\$000 réis. Camas a 200 e 300 réis

Biblioteca de Educação Nacional
AS MENTIRAS CONVENCIONALES DA NOSSA CIVILISACÃO
A PSICOLOGIA DAS MULTIDOES

O QUE É O SOCIALISMO -- O ANARQUISMO
LEIS PSICOLOGICAS DA EVOLUÇÃO DOS POVOS -- CRISTO NUNCA EXISTIU
AVULSO—cada volume brochado 200 réis e encadernado 300 réis.

Tipografia Democratica
RUA 1.º DE DEZEMBRO -- FARO

N'esta casa, aberta recentemente, imprimem-se com a maior perfeição e brevidade, e por preços excessivamente baratos, todos os trabalhos tipograficos, tais como: faturas, memorandos, prospectos, bilhetes de visita, modelos de repartições, folhetos, rotulos de farmacia, etc., etc., etc.

IMPRESSÃO DE
LIVROS E JORNAES

N'este estabelecimento, que é sem duvida o melhor do Algarve, encontram-se á venda varias qualidades de papel de carta, quer ordinario quer de luxo, papel de officos, cartonado, almanco, etc., também por preços

SEM COMPETENCIA

ESPECIALIDADE EM PAPEIS TIMBRADOS E PARTICIPAÇÕES DE CASAMENTO

CONDICÕES DE ASSINATURA (Pagamento adiantado)

Portugal e Colonias (Um ano) Porto, 1\$440 réis; Provincias, 1\$500 réis avulso, 120 réis.

Brasil (moeda forte) (um ano) Pelo correio, 1\$700 réis.

Para venda avulsa, o preço é fixado pelos nossos correspondentes

SECCÃO ESPECIAL DE VENDAS POR ATACADO

A PRASOS E A PRONTÓ PAGAMENTO

Expedição de qualquer antecedencia com a maior brevidade

COMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

LABORATORIO DE FARMACIA

BANDEIRA & RAMOS

DIRETORES PROPRIETARIOS — FARMACEUTICOS PELA ESCOLA DE LISBOA

SUCESSORES DA ANTIGA FARMACIA PIRES

FUNDADA EM 1805

RUA D. FRANCISCO GOMES, 40, 42 E 44
FARO

Fornecimento para Farmacias, Hospitais e Laboratorios

Tisana de Zittmann, formula modificada do dr. Constantino Cumano

Unicos agentes depositarios no Algarve das

AGUAS DE VIDAGO: — (Vidago, Vidago n.º 2 e Sabroso)

AGUAS DE S. VICENTE (Entre-os-Rios), DA CURIA E DE VERIM (Espido)

PREÇOS MODICOS

REMEDIO CONTRA LOMBRIGAS (Vermifugo Braga)

É um remedio que se recomenda por si, e que com motivo justificado se pode chamar — **A saude das creanças.**

A SIFILIS É EVITAVEL

COM A POMADA HERMBESIL

Preventivo contra as doenças venereas, ainda que empregado 5 horas depois do coito suspeito.

Aos revendedores e maiores compradores concedemos, quanto ás aguas, o mesmo desconto que damos aos depositos de Lisboa, ficando a cargo do comprador o frete e o porte do camião de ferro, que são, respectivamente, 80 réis 240 réis por cada caixa, desde Faro a qualquer estação até Villa Real de Santo Antonio ou Villa Nova de Portimão; despesa esta consideravelmente menor do que vindo as aguas directamente de Lisboa, pois neste caso regula por 1060 réis.
Requisitando-as do nosso deposito, ha também a vantagem de se receberem quasi de um dia para o outro; e da não menos importante circunstancia da redução da despesa resulta poderem-se vender ao publico, em qualquer ponto do Algarve, pelos preços de Lisboa.

Tinturia Lisbonense

ALBINO AUGUSTO
TINTUREIRO

Chegado ha pouco de Lisboa, onde durante 18 annos exerceu a sua profissão, tendo sido mestre de varias tinturarias d'aquella cidade, encarrega-se de tingir seda, lã e algodão em todas as cores; tingem-se capas de borracha pelo systema alemão, peles, roupas d'homem e vestidos de senhora sem que seja preciso desmanchal-os. Fazem-se lavagens especiaes em vestidos, fatos e luvas, assim como lavagens a seco em toda a especie de roupas.

Tinge-se também fazendas em peça e fio lava-se lã para coelhos, executam-se, enfim todos os trabalhos de tinturaria com a maxima perfeição e rapidez. Todas as roupas, por mais usadas que sejam, ficam perfeitamente novas.

Examine-se a côr no alo da entrega e se distinguir, restitui-se a importância.—Preço para luto em 48 horas

RUA CASTILHO 51-A—FARO

LIVRARIA DAS NOVIDADES

DE **ANTONIO DOS SANTOS CAPELLA**

AGENCIA DE PUBLICAÇÕES LITERARIAS

RUA DA MARINHA N.º 15 -- FARO

Fornecimento completo de livros necessarios em todos os collegios e liceus

F. S. SILVEIRA

ANTIGA CASA VIUVA SERZEDELO

Drogas e produtos quimicos, para farmacia e industria

IMPORTAÇÃO DIRETA

16 -- RUA DOS REMOLARES -- 18

LISBOA

Revista literaria e científica de que é Director
ARTE

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Rua de S. Lazaro, 310 -- PORTO